

Conto I



A GRAÇA E A DESGRAÇA DE FREI JULIM DEL PAÇA

texto

MARIA D' BASTOS

ilustração

RUTE CAMPANHA

Dos 7 aos
10 anos



CHIADO
EDITORA
kids

A GRAÇA E A DESGRAÇA DE FREI JULIM DEL PAÇA

- I. QUEM NÃO TEM CÃO, CAÇA COMO O GATO. QUEM NÃO TEM GATO, CAÇA COMO O PATO. 15**
- II. DE MANCEBO A CAVALEIRO, MUITO SE PASSARÁ PRIMEIRO. 21**
- III. NÃO HÁ VOZES DE CONSENSO. OUYE A TUA A CONTENTO. 33**
- IV. ENTRE A BELEZA E A HONESTIDADE, HÁ QUE ESCOLHER A VERDADE. 41**
- V. É-SE VALENTE, MESMO QUANDO SE LUTA COM UM PENTE. 51**
- VI. PARA BAIXO TODOS OS SANTOS AJUDAM. PARA CIMA, HÁ SÓ UM E AINDA É COXO. 69**
- VII. VÊ-SE NA ADVERSIDADE O QUE VALE A AMIZADE. 83**
- VIII. SONHA E ALCANÇARÁS. 97**

I. QUEM NÃO TEM CÃO, CAÇA COMO O GATO. QUEM NÃO TEM GATO, CAÇA COMO O PATO.



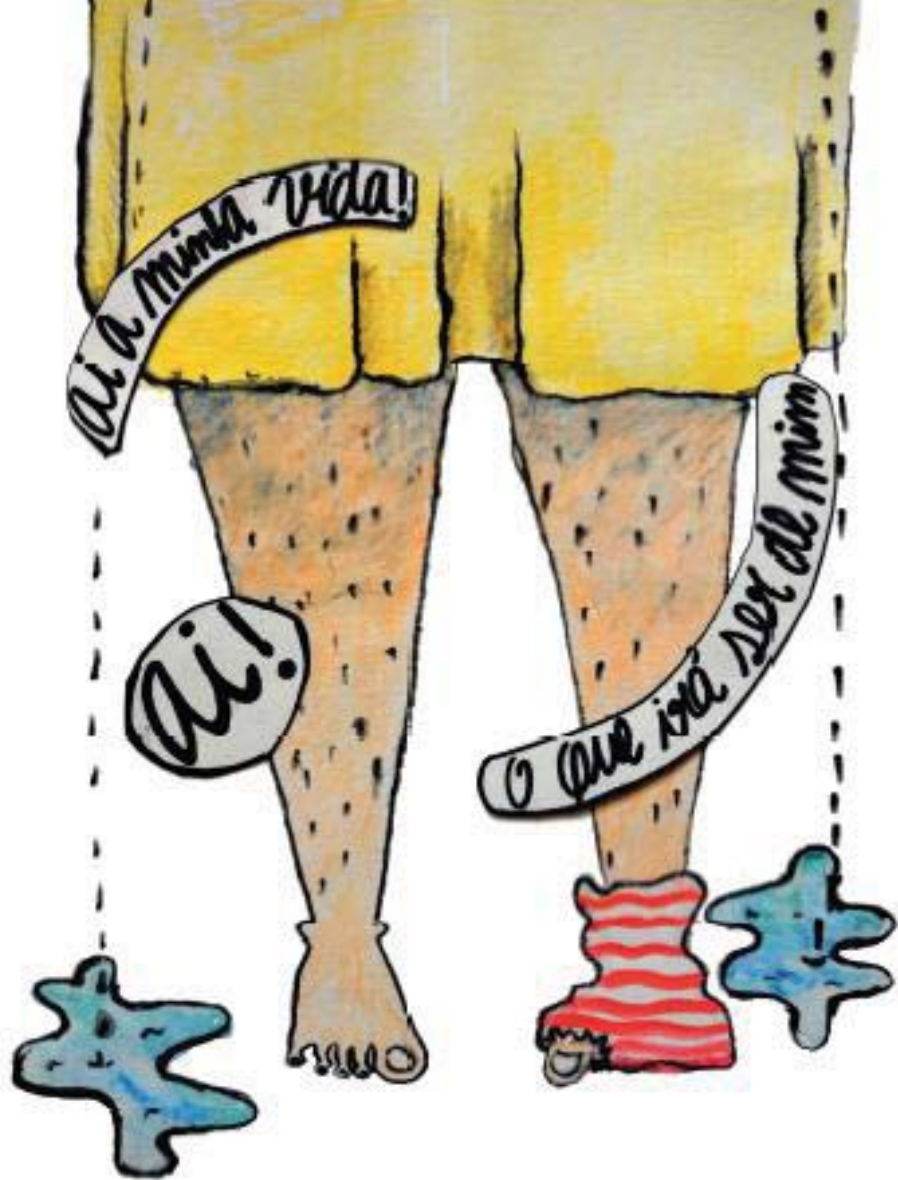
Vou contar um longo conto,
Estranho e misterioso,
Que de tanta bizzarria
Torna-se um tanto duvidoso.

Pelos capítulos do tempo,
Que regista tudo o que passa,
Foram contadas longas lendas
Sobre o jovem *Julim Del Paça*.

E, se a memória não me atraiçoa,
Este jovem e boa pessoa
Que era para ser pintor,
Depois agricultor
E que quase foi ator,
Por sorte ou por azar,
Acabou a vida a rezar.

De tudo se fala de *Julim Del Paça*.
Uns falam de bravura
Outros de candura
Outros de valentia
Outros ainda de cobardia.

E, nesta história biográfica
Repleta de imaginação,
Não faltam relatos verdadeiros
À mistura com a ilusão.



- Ai burro! Agora não temos salvação!
Dizia o rapaz, benzendo-se com a mão.
O burro, que se sentia um importante corcel,
Nem deu troco ao rapaz,
E, encarnando o papel,
Lá seguiu a trote para o festejo,
Pois era esse o seu desejo.

Até ao ouvir o bater de palmas
E de louvores proferidos pela multidão,
Vivas para aqui e para ali,
Tudo estava de feição.
O problema foi quando o burro
Viu do lado oposto ao seu
Um faustoso cavaleiro
Empoleirado num cavalo
Tão escuro como o breu!
O cavalo era enorme!
Ao burro, parecia-lhe um gigante!
E, subitamente...
Deu por si, aflitinho,
A fazer um chichizinho
Nesse mesmo pleno instante!

- Ó burro! Toma sentido!
Sussurrou-lhe o rapaz ao ouvido.
- Não estejas tão nervoso,
Verás que tudo correrá de feição!
Tu és um valente burro
E na luta, ganha o melhor coração!



- Bom dia, meu senhor!
Cumprimentou o rapaz.

- Bom dia, jovem sagaz!
Onde vais tão bem trajado
Com o teu elmo dourado?

- Ganhei-o num torneio
Que lutei no mês passado
Ao competir com um cavaleiro
Que caiu ao chão, estatelado.

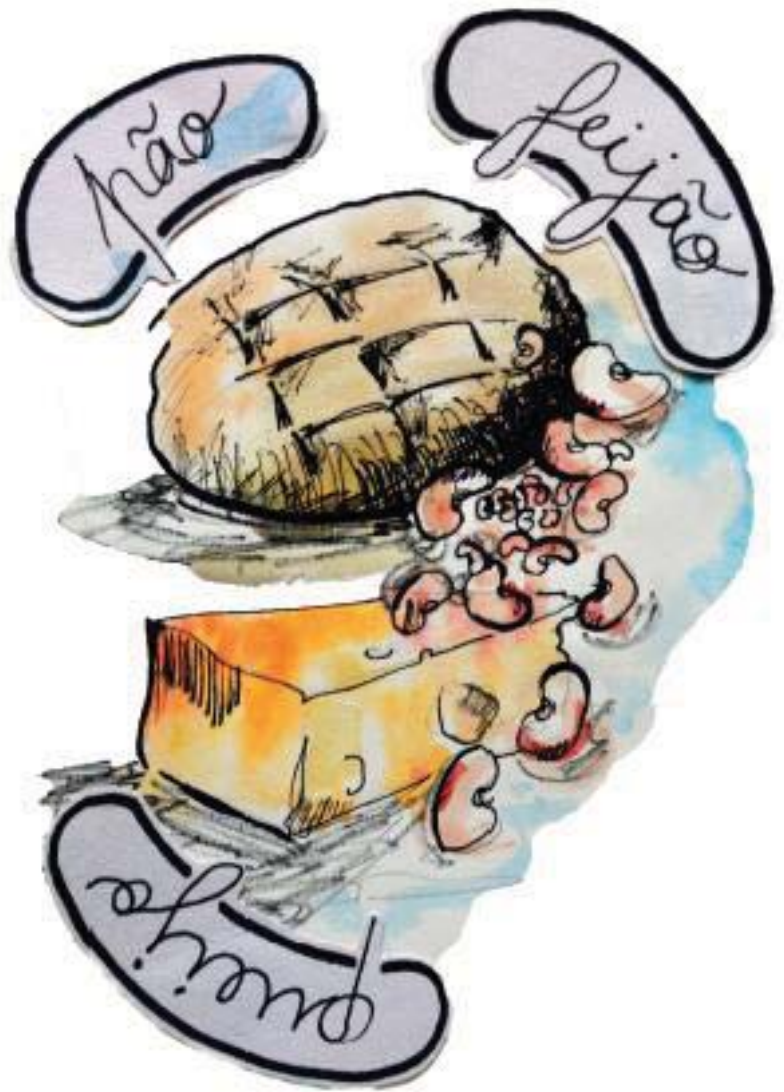
- E foi com este animal?
Perguntou o ancião,
Apontando para o burro.

- Tal e qual!
Respondeu o *Julim*, cheio de orgulho.

- Muito bem, meu rapaz,
Por seres tão humilde e sagaz.
És um jovem valente.
Por ti, fico contente.

Nessa altura, o ancião perguntou ao *Julim*:

- Olha lá, meu bom filho, tens por aí... assim...
Um pedaço de pão,
Um pouco de feijão
Ou um bocado de queijo?
É tudo o que eu desejo!



Passava o padre Jasmim
Mais o sacristão Crispim
Que ia a rezar a oração
(em grande transpiração,
Mais pelo calor do ar
Do que pela prece em pregação).

Passavam as moçoilas em desvelo,
Com flores caídas pelo cabelo,
Que ao verem o *Julim Del Paça*
Lançavam-lhe a sua graça.

Passavam os trovadores
A cantarem os seus louvores
Ao amor, à vida e ao destino,
De forma harmoniosa e em afino.

Passavam os jograis
A tocar pelos arraiais,
Dando vida ao terreiro
A tocar o seu pandeiro.

Mas eis que surge na multidão
Uma bela e linda moçoila,
Com um lindo fato branco
Todo debruado a rosas
E, na trança, colocada
Uma vermelha papoila.



E foi tamanha a desilusão
Do dragão das sete cabeças
(Que tinha umas lindas tranças pretas),
Que a partir desse momento,
Ruge mais que o próprio vento
Em dia de tempestade!
Digo-te eu que é verdade!

Diz ainda a lenda da região:
*«Que o trovão do dragão
Só cessará em oposição
E a paz só reinará
Quando sete penas alvas
Se erigirem num fino fio
E, em enorme brio,
Enlaçarem o fio de carvão,
Escuro como o tição».*

- Esta lenda é muito antiga
E eu não a sei interpretar,
Vê lá tu se é capaz!
Disse o velho feiticeiro ao rapaz.

- Mestre, pois eu também não sei.
Respondeu o rapaz.
- Tudo o que sou capaz,
É de me manter neste buraco pardacento
E esperar que venha o vento
Para que me possa escapulir
E daqui poder fugir!



E foi a confusão instalada!
Frigideiras e tachos à misturada
Batatas, cenouras e entremeada
Brócolos a sair pelo nariz
Uma jarra a partir-se por um triz
Chouriços espalhados pelo chão
Presunto e entremeada metida no calção
Meia dúzia de pratos escaqueirados
Copos e canecas despedaçados...
Era uma enorme salganhada
Da qual não se salvava nada.

Quando entrou de rompão
A D. Alice Vicente,
Deu-lhe um fanico, pois então?!
E não era para menos, isso não!
E não esteve com meias medidas...
Agarrou na vassoura,
Feita uma moura,
E começou a limpar a confusão
(incluindo o rapaz e o burro)
E entre a chutadela e o murro
Foi tudo corrido à vassourada,
De frigideira e à paulada.
Tudo valia de arremesso
À pobre da boa da senhora
Que estava virada do avesso!



Uma ilha enorme,
Mesmo, mesmo ali adiante.
Um areal majestoso
Um rio caudaloso
Palmeiras frondosas
Árvores sumptuosas
Cheias de fruta madura.
Era uma loucura
Tudo o que se via!
Era preciso um ligeiro beliscar
Para se poder acreditar!

E toca de todos se enfiarem
Para dentro de um barquinho,
Aos tombos e em desalinho!
Todos queriam chegar ao areal majestoso
Beber do rio caudaloso
Dormir à sombra das palmeiras frondosas
E das árvores sumptuosas
Colher a fruta madura.
Que loucura!
Seria preciso um ligeiro beliscar
Para se poder acreditar!

E por ali ficaram duas semanas e meia.
Comeram carne, fruta e moreia.
Encheram a barriguinha,
Abarrotaram a cozinha
E retomaram ao mar.
Tinham de continuar.



Ao ouvir tal mandar,
O rapaz sentiu um tremor pelo corpo.
- O que raio iria ele cozinhar
Com um velho botelho todo torto?
Tentando lembrar-se da receita da sua avó,
Decidiu fazer um grande pão-de-ló.
Depois de muito amassar
Bater
Fermentar
Lá terminou a empretada.
Era um cheirinho celestial
Que atravessava o quintal
E subia pela escada!

Depois de o preparar,
Acabaram por levar
O bolo de *Julim* num tabuleiro,
Mas não sem o cortar primeiro
E dispô-lo em fatias
Com um creme de ovos por cima,
Tal como faziam as suas tias.

Eis, quando de repente,
É chamado pelo conde Bento Balssete.

- Ó rapaz, o conde mandou chamar
Quem fez tão estranho manjar.
O que é que tu foste arranjar?
Puseste azeite em vez de leite?
Disse-lhe o velho criado, com ele a mangar.



GLOSSÁRIO

SIGNIFICADO DE ALGUMAS PALAVRAS E EXPRESSÕES QUE SURGEM AO LONGO DO CONTO

A

Audaz – corajoso; destemido; valente; ousado.

Assaz – muito; bastante.

Alquímias – composições químicas.

Arrojado – decidido; determinado; audaz; valente; corajoso.

Arrebatado – arrojado; impetuoso; valente; motivado.

Amuralhado – rodeado por muros; fortificado.

Arremesso – num impulso; num instante; rapidamente.

Atrocidade – de forma atroz, feroz; com crueldade.

Ancião – pessoa idosa; pessoa envelhecida pelo tempo.

Amargura – com mágoa; com dor; com desgosto.

Agreste – campo bravio.

Arremesso – lançamento; para lançar.

Aprazimento – algo prazeroso; agradável; que produz satisfação.

Adversidade – dificuldade; contrariedade; infelicidade.

Azougado – assustado; atrapalhado; aflito; assarapantado.

Abespinhado – muito zangado; muito irritado.

Anilhas – argolas metálicas.

Alento – força; energia.

Arisco – bravio; agreste; rude; intratável.

Aturdido – atordoado; estonteado; atarantado.



A Graça e a Desgraça de Frei Julim Del Paça é um conto escrito em rima. É a história de um rapaz que deseja ser cavaleiro, mas que acaba por se tornar frade num mosteiro da região, devido a uma importante descoberta que faz, enquanto segue a sua jornada.

O rapaz tem como companheiro o seu fiel burro com quem partilha as divertidas peripécias que se vão sucedendo ao longo do seu caminho.



PRÓXIMO CONTO
Os DEZ ANÉIS

